

CUIDADO  
ESPELHO  
FRÁGIL

*De Cecilia Ripoll*

Parei aqui, no ponto de início, na rota de fuga. Nós estávamos juntas, mesmo que não parecesse, mesmo que a gente fingisse que não, nós estávamos juntas quando tudo se tornou impossível. Entramos, juntas, nesse redemoinho apavorante, sem placas de saída. Não é fácil explicar. Não, não é fácil. Eu estou aqui pensando enquanto falo e esse diálogo que vai acontecer em seguida nunca existiu - embora ele se repita todos os dias em pensamento. Desde que elas começaram, acabei não sabendo mais diferenciar o que é coisa da minha cabeça e o que, de fato, poderia ter sido dito. Peço desculpas, enfim, são cacos. O vidro do retrovisor ficou estilhaçado.

Ele – Mas o que ela tanto olha pelo retrovisor?

Eu – Ele está reparando. Eu sei, mas que tipo de coisa daria conta? Como é que faz para explicar?

Ele – Olhou de novo. Ela está sendo perseguida.

Eu – Ter chegado nesse ponto.

Ele – Ou então ela não quer ser vista junto comigo, lado a lado. Mas esse jeito de olhar? Ela certamente está sendo perseguida. Se eu tivesse um pouco menos de freio, um pouco menos de freio, eu podia perguntar.

Eu – Ele vai perguntar

Ele – Eu vou perguntar.

Eu – Então daqui a um segundo ele diz:

Eu e Ele – Você está sendo perseguida?

Eu – E segue, espantado, dizendo...

Ele – Como é que você adivinhou o que eu ia falar?

Eu – Eu estava só nos vendo.

Ele – Pelo retrovisor?

Eu – Eu só estava me vendo daqui a dois segundos. Que já passaram. Pausa. Ele não me compreende, com certeza. Me desculpa, mas você precisa descer.

Ele – O quê?

Eu – Agora. É para o seu bem. Desce do carro, por favor.

Eu – Ele fala numa tacada só, completamente vermelho:

Ele – “Numa tacada só, completamente vermelho”.

Eu – Não, ele fala, fala o que pensa e, por isso, está completamente vermelho:

Ele – Eu te amo. Eu sei que você está sendo perseguida, mas não me importa: não me importa o que você fez de errado, se fez alguma coisa de errado; roubou, matou. O que é qualquer coisa de errado perto de tudo que já está tão errado no mundo? Eu posso aceitar tudo, qualquer coisa.

Eu – Desce, por favor, eu não tenho mesmo como explicar agora.

Ele – Não precisa me explicar nada, já entendi que tem alguém atrás de você e isso não tem mesmo nenhuma importância para mim.

Eu – Chega. Vai embora. Por favor, vai embora. Agora. Um último olhar magoado – terá sido o último? Eu penso consecutivas vezes que não teria mesmo como explicar. Amaldiçoo tudo aquilo que me escapa e também amo tudo aquilo que me escapa. Alguma parte de mim pensa que amar e amaldiçoar são palavras que estão muito, muito perto uma da outra. Assim como nós já estivemos – perto, tão perto – na noite em que perfuramos nossos olhos mutuamente.

## DO QUE POSSO CHAMAR DE INÍCIO

Foi quando comecei a surpreender a mim mesma pelos cômodos da casa.

Abrindo a porta do banheiro muito rapidamente – esse foi meu primeiro flagrante: Me peguei sentada no vaso. O rosto cheio de travesseiros escorrendo da pele flácida e ainda morna da colcha noturna. Me olhei surpresa vendo a mim mesma. Um átimo.

Logo em seguida me fundi numa só, em frente ao chuveiro, um pouco estupefata ainda, mas não tanto, porque dizia a mim mesma ter sido miragem, miragem a imagem: eu sentada sonolenta no vaso.

É que o sono embaçou a vista – eu me disse.

Mas em seguida retornei ao instante fatídico, troquei de ponto de vista e foi então que me assustei ainda mais. Além da visão patética que tive – me pegar sentada no vaso! –, além dessa visão, quando cavei a memória assustada rebobinando o filme absurdo daquela manhã, achei uma segunda versão da fita:

Acordei como se acorda qualquer pessoa que acorda quando não quer, mas precisa acordar. Abri a porta do banheiro ainda embaçada de remelas. Subi a tampa branca da privada. Larguei meu peso sobre a tábua. (Eu moro sozinha, então me autorizo a largar os pesos sobre as coisas). Súbito, som estranho, súbito a maçaneta girando. Quem, meu deus, quem?

Eu!

O flagrante não foi só de quem flagrou; foi também de quem que flagrou o rosto flagrando.

Pensamentos vertiginosos que iam se dissipando com a água morna do chuveiro. A água morna do chuveiro vinha me segredar do morno – de como minha vida andava morna, como aquele dia haveria de ser morno e de como apesar de ser terrível estar tudo tão morno, apesar disso, como é bom tomar um banho morno.

Um tipo de espelhamento estranho foi inaugurado. Eu tinha ali duas versões de um mesmo acontecimento e as duas versões eram minhas. As duas versões, ao mesmo tempo em que guerreavam, comprovavam o fato? Duas de mim tinham sido testemunhas. Se

tivesse sido só UMA EU, tendo visto OUTRA EU, eu ainda poderia me dizer:

Escuta, tudo não passou de um sonho.

ou

Quem sabe você não sonhou?

## GELADEIRA

Num Domingo tedioso a coisa voltou. Teria sido mais ou menos assim: eu estava no quarto, largada sobre as costas daquele dia mais uma vez morno, e comecei a criar qualquer expectativa sobre alguma felicidade efêmera (e qual não é?) que a cozinha, mais precisamente a geladeira, talvez pudesse me proporcionar. Levantei e fui. Eu estava distraída.

Então, no corredor, quase chegando, vi meu próprio rabo de cavalo de perfil para a porta. Ondulante, inocente por não se saber cabelo.

Dessa vez só uma de mim me viu, a outra não, porque estava de costas.

Trêmula segui andando atrás de mim mesma desejando fazer o contrário, desejando voltar para o quarto e me encolher de assombramento, mas logo adiante pensei o que impediria, meu deus, que lá no quarto encontrasse também eu, de novo, outra eu, deitada já de braços na cama, aterrada com a imagem recém vista? O que impediria? Então segui, simplesmente segui em direção à cozinha e, assim que me aproximei, minha imagem sumiu.

Tomada por um nervoso tremendo, tremendo, abri a porta da geladeira. E já com a mão certa em direção ao queijo que me aguardava.... Cadê o queijo? Só restava dele um pequeno filete, um estúpido filete, desses que só alguém verdadeiramente canalha – como eu mesma – deixaria restando na geladeira. Só para poder dizer que ainda não tinha acabado. Eu estava gélida. E aquele filete me perfurando a alma. Aquele filete anunciava uma era de queijos improváveis e muito pouco mornos dentro dos meus mornos hábitos que traziam algum aconchego.

Estaria na minha barriga aquele queijo? E quando digo na minha barriga, a qual delas me refiro?

O pavor sentido: podia muito que o processo de réplicas (ou divisórias?) não tivesse fim; Eu vendo *a mim*. Vendo *eu mesma* vendo *a mim*. Vendo *a eu mesma* vendo *eu mesma* vendo *a mim*. Vendo *a mesma eu* vendo *a eu mesma* vendo *a mesma eu* vendo *a mim*. E assim por diante, como espelhos dispostos um em frente ao outro naqueles terríveis elevadores com suas músicas de motel.

## VISITA NOTURNA

Sonhei com um queijo gigante. Tinha buracos amarelos que eram como cavernas em que se podia entrar. E eu entrava. Encontrava cravados pelas paredes meus próprios dentes, caninos e outros que não sei o nome. Era uma imagem aterrorizante. Porque assim que os via, espalhados, cravados, perdidos, tentava pronunciar qualquer grito seco que não me saía da boca, justo por não ter dentes. Na aceleração do pavor submergi do queijo e do sono, ofegante, trincando o maxilar. Meu olho varou aflito a escuridão do quarto, vim entendendo aos poucos minha arcada dentária lúcida e intacta. A respiração se acalmando, se acalmando. O desacelerar dos batimentos. Meus dentes. Meus dentes. Como assim ossos que se pode ver? Nenhum outro osso se pode ver. Por que só num ponto do corpo, 20 e poucos quadradinhos brancos, estáticos e afiados? Conferi um a um com a língua. E a língua? Existir não é verossímil. Ouvei na nuca uma respiração. Um ir e vir de ar quente, bafo noturno e familiar.... Não estava só? Alguém dormia logo atrás de mim com a respiração ofegante.

Uma outra versão de mim sonharia com um gigante de queijo? Tinha cavernas amarelas em que se podia entrar e eu tinha a sensação de estar sendo sonhada. Eu tinha a sensação de estar fabricando ficções. Encontrava cravada a impressão canina de participar do sonho de outra pessoa, idêntica a mim. Era uma percepção seca, ofegante, inverossímil. Na aceleração do pavor submergi, trincando o maxilar. A escuridão do quarto varou aflita, me abrindo os olhos; percebi então que não estava só. Enlaçava as costas macias de uma mulher. Minha respiração assustada acariciava sua nuca com um bafo noturno e familiar. Percebi seu corpo, encolhido, receoso, senti ímpetos de dominação.

Aquele inspirar e expirar tão forte, tão próximo, balançava os meus cabelos. A respiração guardava em si o mar, o ir e vir das ondas, uma pulsação misteriosa do universo? Éramos concha. Uma acústica fetal nos envolvia - como um cachecol da natureza. Uma lesma sonâmbula atravessou nossa colcha.

Acolchoada pelo hálito improvável daquela bolha noturna, olhei profundamente nos meus olhos. Entrei pelo castanho perfurando a cor, perfurando a cor, até que pudesse ver algo além da cor. Toda mulher, todo o homem, tem em si uma galáxia, corpos celestes,

órbitas de origens improváveis, estrelas fixas e leitosas. O pensamento se ia indo um pouco torto, um pouco já nem se sabendo pensamento, mas aquele esvoaçar verde musgo que precede o sono. Os corpos mapeados, sistemas inteiros.

Quando tornei a abrir os olhos eu - a outra eu - já tinha sumido. Foi embora sem deixar nem um bilhete. Para onde? Correria em outro tempo paralelo existindo logo um segundo após, pensando nessa eu de agora, que tinha sumido? Escorrendo por pensamentos encaracolados como o próprio tempo, como a própria ação sempre tão inédita que é pensar.

## FICOU INSUPORTÁVEL PARA TODAS NÓS, E ESSE TALVEZ SEJA O ÚNICO CONSENSO

As coisas todas se bagunçavam mais e mais a cada dia.

Flagrava pensamentos que já não sabia se eram mesmo meus ou futuros pensamentos de outra eu que, por tornarem-se presente pensado, passavam então a se dizerem meus.

Agora já nem se podem dizer mais “meus pensamentos”, porque narro, falo, *me remeto a e*, então, esses “meus pensamentos” já fazem parte do passado.

Como parte do passado já não me pertencem,

Não nos pertencem.

E talvez nunca tenham mesmo pertencido,

Enfim.

Um avião de vidro começou a perseguir meu sono. E nada me segredava. Por que então insistia em reaparecer? Bastava as primeiras batidas de pálpebras um pouco mais pesadas e lá estava ele, límpido, útero suspenso no ar:

Um avião de vidro.

Um dom errado que escapou de deus? Ver todos os tempos a um só tempo. Um tipo inédito de olho, última tecnologia androide. Tragédia ocular de abelha.

Ou mosca?

Retina retirada do acaso que por desastre aterrissou justo em mim. Justo em mim, a tragédia do avião de vidro. Por que em mim? Eu nunca pedi, eu nunca fui dessas crianças que quiseram visitar o futuro ou o passado, me contemplaram com o presente errado. E agora todos os presentes são errados porque são espelhos que se multiplicam ao acaso.



## VISÃO DE MORTE

Na época em que os banhos e a vida ainda podiam ser mornos eu costumava me perguntar assim, enquanto escorria a água:

Se você soubesse que iria morrer amanhã. Quantas coisas você não teria subitamente coragem de fazer? Quantas?

E por muito tempo essa pergunta me deixava pálida, aprisionada.

Desde que começaram as multiplicações – ou divisões, como se queira – dimensioneiei o inesperado dessa pergunta estúpida e respondi, de “uma eu” para “outra eu”:

Nada. Se eu soubesse que iria morrer amanhã simplesmente me mataria hoje - hoje mesmo - porque não aguentaria passar um dia inteiro lidando com a certeza de que no dia seguinte eu morreria.

O diálogo, súbito, me provocou um frio na espinha. Lidar com a certeza de que no dia seguinte eu morreria.

E se numa dessas visões antecipadas eu simplesmente. Eu, sem querer.

Me visse.

Morta.

Se me visse morta, me mataria? Aguentaria passar um dia inteiro lidando com a certeza de que em instantes a vida teria fim? ...

Estava perigoso.

Corria o risco de me matar por causa de uma imagem antevista e não concretizada.

Ainda.

Pode ser que eu me mate primeiro, o quanto antes, para não correr o risco de me ver morta.

Decidimos partir.

Para onde? De que adiantaria? Não é obvio que eu me levaria junto comigo, para onde quer que fosse? De qualquer maneira eu não haveria de ir junto?

Sim, eu iria junto comigo, nós iríamos juntas e isso era um fato.

Mas talvez alguma coisa de muito insuportável estivesse presa lá, naquela casa. Talvez a casa - não eu - o problema.

A casa: um deserto onde as imagens torturantes se renovam. Talvez eu só precisasse encontrar algum tipo de água indecifrável que pusesse fim àquilo tudo. Decidi fugir.

Mas eu não queria ir. Desesperada, telefonei ao amigo mais próximo:

Eu – Eu preciso que você venha até aqui. Agora. Não aguento mais, preciso muito conversar com alguém.

Ele – Alô?

Eu – Você pode vir aqui me encontrar?

Ele – Como assim? Você acabou de me ligar dizendo exatamente a mesma coisa.

Eu – O quê? Ela te ligou primeiro?

Ele – Ela?

Eu – Eu.

Ele – Você? Escuta, o que que está acontecendo?

Desligo. Estou imóvel. Decidimos mesmo partir, antes que ele chegue, pode ser que ele chegue e encontre eu ainda aqui, ou não mais, ou elas. Mas eu saio a tempo. Pego meu carro, trêmula. O carro ainda estava lá, cheguei primeiro - enfim.

Preciso sair daquela casa, é tudo que conseguimos pensar. Reuni algumas de mim e fugimos. Pego a estrada, o suor escorre, acelero em pleno pavor. Um instante de alívio, talvez?

Talvez.

Avisto ao longe um homem vendendo garrafas d'água. Não é bom sinal, é sinal de trânsito.

Paro logo atrás de um carro. Estranho. Um carro idêntico ao meu. No volante, a silhueta de uma mulher me é familiar.

Seus olhos buscam afoitos o retrovisor.

Eu não tenho sequer coragem de olhar nos olhos dela. Sei que um dia já nos amamos. Sei que já dormimos juntas, mas o constrangimento e o desespero me impedem.

Em pânico, busco com os olhos o retrovisor. Atrás, acaba de parar um carro idêntico ao meu. Pelo espelho, busco algum tipo de cumplicidade possível com a mulher que está ao volante, que também não me é estranha, apenas um pouco mais jovem do que eu. Mas ela me evita. Por que, se já estivemos juntas por tantas vezes? Se já partilhamos os mesmos cheiros, dos mesmos lençóis? Tento chamar de alguma forma a sua atenção, mas a buzina do carro não funciona – não me reconhece mais?

Estou presa num engarrafamento de instantes.

## CARONA EM ROTA DE FUGA

Ele surge ao lado do carro: o rosto um pouco atônito; estende o braço como quem pede uma carona; vejo uma sequência de braços se erguendo como se shiva finalmente tivesse aparecido para mim. Desde que elas começaram, acabei não sabendo mais diferenciar o que é coisa da minha cabeça e o que, de fato, poderia ter sido dito.

Ele entra.

Paramos aqui, no ponto de início, na rota de fuga. Nós estávamos juntas, mesmo que não parecesse, mesmo que a gente fingisse que não, nós estávamos juntas quando tudo se tornou impossível. Entramos, juntas, nesse redemoinho apavorante, sem placas de saída. Não é fácil explicar. Não, não é fácil.

Ele – Mas o que ela tanto olha pelo retrovisor?

Eu – Ele está reparando. Eu sei, mas que tipo de coisa daria conta? Como é que faz para explicar?

Ele – Olhou de novo. Ela está sendo perseguida.

Eu – Ter chegado nesse ponto.

Ele – Ou então ela não quer ser vista junto comigo, lado a lado. Mas esse jeito de olhar? Ela certamente está sendo perseguida. Se eu tivesse um pouco menos de freio, um pouco menos de freio, eu podia perguntar.

Eu e Ele – Você está sendo perseguida?

Ele – Como é que você adivinhou o que eu ia falar?

Eu – Eu estava só nos vendo.

Ele – Pelo retrovisor?

Eu – Eu só estava me vendo daqui há dois segundos. Que já passaram. Pausa. Ele não me compreende, com certeza. Me desculpa, mas é que você precisa descer.

Ele – Estranho. Tenho a impressão de já ter vivido esse exato diálogo.

Eu – O quê?

Ele – Um encadeamento de palavras que se repete, que me remete. Não me manda descer dessa vez. Não. Dessa vez me recuso.

Eu – Agora. É para o seu bem. Desce do carro, por favor.

Ele – Me recuso, como um ator rebelde que reinventa seu texto? Eu te amo. Eu sei que você está sendo perseguida, mas não me importa: não me importa o que você fez de errado, se fez alguma coisa de errado; roubou; matou. O que é qualquer coisa de errado perto de tudo que já está tão errado no mundo? Eu posso aceitar tudo, qualquer coisa.

Eu – Você já disse tudo isso. Por favor.

Ele – Estamos nos repetindo. Escuta, não vou sair daqui enquanto não puder entender quem está te perseguindo.

Eu – Eu.

Ele – Você?...

Eu – Sou eu. Somos eu.

Ele ri. Não compreende.

Eu – Porque você acha que está com o braço cansado de abrir e fechar portas? Porque a sensação da repetição de diálogos? Estamos presos num engarrafamento de instantes.

Ele segue rindo, com certo pavor no olhar.

Ele – Isso tudo, você já não disse? Hoje, ou ontem? Porque estamos repetindo falas? Porque estamos repetindo falas? Para que estamos repetindo falas? Para quem?

Eu – Somos reféns do tempo. O tempo sequestrou todos os carros replicados e os dispôs, um a frente do outro.

Ele está assombrado. Mas ri. Me supõe maluca?

Eu penso consecutivas vezes que não teria mesmo como explicar. Amaldiçoo tudo aquilo que me escapa e também amo tudo aquilo que me escapa. Alguma parte de mim pensa que amar e amaldiçoar são palavras que estão muito, muito perto uma da outra.

Ele desce, enfim.

## DO QUE POSSO CHAMAR DE FINAL

Na sequência, alguma uma de mim que vem vindo atrás dessa fileira interminável decide tomar atitude drástica. Decide pôr fim a tudo isso. Acelera com ímpetos desmedidos mesmo vendo a sequência de carros que a espera para traga-la.

Ouvimos juntas estrondos em cadeia – radical engavetamento infinito.

Ainda dá tempo de escutar a voz dele longínqua, em pavor; os pequenos sons que dão sequência a um grande acidente, a buzina que súbito dispara, os alarmes tão característicos, a percepção de líquidos que escorrem do corpo, a percepção do corpo.

Peço desculpas, enfim, são cacos.

O vidro do retrovisor ficou estilhaçado.